

**A relação entre História, Memória e Arqueologia: A arte rupestre no município de
São João do Cariri¹**

Carlos Xavier de Azevedo Netto²
Adriana Machado Pimentel de Oliveira Kraisch³

Resumo

Nossa proposta é abordar as relações entre arqueologia, história e memória, discutidas no Projeto “Arqueologia do Cariri”, como forma de contribuir aos estudos de história indígena, em especial na região Nordeste. O referido projeto tem como um de seus objetivos analisar as teorias, métodos e técnicas da arqueologia como uma forma de construção da história do cotidiano das populações ágrafas, pré-históricas ou históricas, delimitada espacialmente pela região do Cariri paraibano. Para atender aos seus objetivos, nos propomos discutir os conceitos de arte rupestre, memória, cultura material, identidade cultural e as formas de disseminação dessas informações para a população local, bem como, questionar a dispersão e a temporalidade das populações que viveram nesta região, desde os registros mais recuados até a chegada do europeu à América.

Palavras-chave: Memória, arte rupestre e Cariri paraibano

Abstract

Our proposal is to approach the relations between archaeology, history and memory, argued in the Project "Arqueologia do Cariri", as form to contribute to the studies of aboriginal history, in special in the Northeast region. The related project has as one of its objectives to analyze the theories, methods and techniques of archaeology as a form of construction of the history of daily of the populations without write, prehistoric or historical, delimited space for the region of the Cariri paraibano. To take care of the objectives, in we consider them to argue the concepts of rock art, memory, material culture, cultural identity and the forms of dissemination of these information for the population local, as well as, to question the dispersion and the temporality of the populations that had lived in this region, since the registers most retreating until the arrival of the European to America.

Word-key: Memory, rock art and Cariri paraibano

INTRODUÇÃO

Desde cedo, a arqueologia apresentou um caráter interdisciplinar, aliada a diversas outras ciências, e procurou entender o desenvolvimento e as representações de diversas sociedades. Neste trabalho, procuramos discutir as relações específicas entre a arqueologia e a história, a partir da realização de uma discussão teórica sobre o assunto. Nosso foco, além

¹ Trabalho tem como base os dados do *Projeto Arqueologia do Cariri*, apoiado pelo **CNPq** (Edital Universal).

² Doutor, Professor da UFPB, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

³ Mestranda em História (PPGH/UFPB), ex-bolsista PIBIC, pesquisadora do *Projeto Arqueologia do Cariri*

disso, se deterá no estudo de caso da arte rupestre dos sítios arqueológicos do município de São João do Cariri, localizado na Bacia do Rio Taperoá, na região do Cariri paraibano. Do ponto de vista do conhecimento histórico, estamos interessados em perceber como as pesquisas arqueológicas podem contribuir para preencher as lacunas existentes na história da ocupação indígena daquele local. O ponto focal da discussão é estabelecer a relação entre o ambiente e os sítios arqueológicos, no caso do município citado, situado no nordeste brasileiro, já que se trata de populações que se assentaram em um ambiente semi-árido. Tal trabalho é fruto de resultados preliminares do projeto *Arqueologia do Cariri* apoiado pelo CNPq, vinculado ao Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração, Bioma Caatinga – PELD-CAATINGA e ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA.

Arqueologia e História: a ponte para a memória coletiva

O estudo das formas com que o homem vem ocupando os espaços é objeto de algumas disciplinas. Dentre estas, a que se preocupa dessa relação através de sua apropriação cultural, no decorrer do tempo, é a arqueologia. Em sua formação, ela procurou reconhecer as condutas humanas no passado através dos restos materiais deixados pelas sociedades pretéritas. No foco da espacialidade dos vestígios, pode-se identificar a aproximação que há dos estudos arqueológicos com as questões ambientais. Assim, a arqueologia estaria atuando em um espaço de saber interdisciplinar, onde, de um lado se daria a cultura e de outro estaria o tempo, um espaço entre a Antropologia e a História, já que:

A História tem por objetivo de estudo as sociedades, numa perspectiva diacrônica, abordando essencialmente as que possuem escrita. As sociedades sem escrita do passado são, pois o campo da Pré-História, enquanto as culturas dos povos ágrafos atuais ou recentes são principalmente investigadas pela Antropologia Cultural (PROUS, apud SCHIAVETTO, 2003:25).

No que diz respeito à questão das memórias coletivas relacionadas com os atributos espaciais e ao ambiente, parte-se das considerações de Certeau (1994) quando se considera o espaço como uma forma de ver e referenciar as ações cotidianas de uma determinada comunidade. Agrega-se a isso o alargamento da noção de documento (LE GOFF, 2003), que nos permite considerar que o ambiente, enquanto espaço de relações entre elementos integrados à ação do homem, nos seus mais variados meios de adaptação e sobrevivência, guarda registro da passagem do homem em seu cotidiano e passa a ser compreendido como um atributo a ser considerado na reconstituição de qualquer evento histórico, de qualquer período.

Através das gravuras e das pinturas, os caçadores, coletores e/ou horticultores deixaram as marcas de sua presença, como meio de mostrar os vestígios de seu cotidiano. Esses vestígios constituem “parte do sistema de comunicação do qual se preservavam apenas as expressões gráficas que resistiram ao tempo” (GASPAR, 2003:12). A perda desses registros implicaria em lacunas em relação ao estudo da pré-história local, pois levaria à produção de lacunas para a construção da história da região, através desses referenciais de memória. Esses registros, incorporados pela história, devem fazer parte da construção das identidades locais, assentadas na memória da ocupação da área.

A arqueologia nos leva ao estudo da totalidade material desenvolvida pelas sociedades humanas, sua cultura material, procurando chegar ao simbólico ou ao imaterial (MITEHN, 2002) sem limites de ordem cronológica. Assim, a cultura material está diretamente ligada à memória já que faz referenciação ao cotidiano dos grupos sociais, sendo um dos responsáveis em representar as práticas sociais e culturais desses grupos. Seguindo o pensamento de Dolores Newton sobre a representação da cultura material, ela é caracterizada:

(...) como único fenômeno cultural codificado duas vezes: uma vez na mente do artesão e a outra na forma física do objeto. Essa dupla codificação permite comparar os três fenômenos culturais, ou seja, o artefato bem como seus aspectos cognitivos e comportamentais. Constitui, ao mesmo tempo, o único meio de se inferir algo sobre formas culturais do passado (apud AZEVEDO NETTO, 2005, 271).

Assim, a cultura material se faz presente às manifestações cotidianas de uma determinada sociedade através de suas representações, mostrando-se como elemento definidor dos aspectos culturais desse grupo. Mas deve-se observar que para a interpretação desses achados, em especial relacionados com a arte rupestre, é preciso entender que elas refletem os usos e práticas de determinadas comunidades, onde o seu entendimento se dá “a partir das próprias figuras representadas e dos arranjos dos painéis, e não se recorrendo a explicações exógenas” (GASPAR, 2003: 28).

Atualmente, o conceito de identidade agregado ao termo cultural, dentro das ciências sociais, se encontra variado e se expande continuamente, como foi apontado por Hall (2002). Torna-se um instrumento que permite ao indivíduo se localizar em um sistema social e, ao mesmo tempo, ser localizado socialmente. Portanto, a definição de uma identidade se dá de modo relacional a partir da multipiidade, considerando-se que esse processo de atribuição ocorre sempre que se comparam duas instâncias sociais diferentes, quer individuais, quer

coletivas. Podendo-se dizer que essa noção está intimamente relacionada com o campo da representação, quer social ou cultural, em constante processo de “*devir*”⁴.

O campo da memória vem, a cada dia, ganhando forma na área do saber da Arqueologia com o regaste e a preservação do patrimônio e a construção da identidade cultural que se dá através da reconstrução do cotidiano dos grupos sociais por meio da cultura material. Segundo Madalena Chauí (apud GONÇALVES: 15): “*Seria ela, a memória, a nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo*”. A memória contribui com a Arqueologia no sentido de recuperar os elementos que não foram registrados pela história oficial, ou seja, tenta reconstruir o passado e os nexos perdidos. Podemos dizer que os marcos da memória são considerados como produtos e objetos culturais e, aparecem, então, como algo concreto, cuja produção e acabamento se realizam no passado e que cumpre transportar para o presente, marcos, referências que se distinguem da produção do passado devido a sua reinterpretação atualizada (DIELH, 2002).

Sendo assim, na construção coletiva, a memória sofre ação das forças sociais por perceberem a sua importância, bem como a do seu controle, e considerando a sua dinamicidade e a sua capacidade de construção e recriação. Segundo Azevedo Netto:

(...)pode-se falar que a memória é um fenômeno, um ato de referenciamento, imbricado nas teias de relações sociais, já que ela apresenta-se como um meio ou instrumento de aprendizado e socialização, no qual, muitas vezes, a continuidade entre o evento no passado e a realidade no presente não pode ser explicitada claramente (2003:15).

Para a arqueologia, a memória, a identidade e a cultura material são de suma importância devido às suas inter-relações de preservação, representação e referenciação, produzindo significados que possibilitam às pesquisas arqueológicas construir ou reconstruir a história de um povo ou um fato que é relevante para a humanidade. As informações que a arqueologia recupera de uma cultura material são de caráter “fenomenal”, pois se trata, muitas vezes, de informações efêmeras que a memória busca representar, estabelecendo uma identidade.

O Cariri – a questão ambiental e sítios rupestres no município de São João do Cariri

Para delimitação da área de pesquisa arqueológica algumas considerações preliminares devem ser colocadas. Para o estabelecimento de recorte espacial/ambiental deve-se ter em conta que:

⁴ As identidades se re-elaboram de acordo com as circunstâncias sociais, espaciais e temporais dos atores em questão.

Para o estabelecimento de uma área arqueológica, que deverá ser pesquisada durante anos, parte-se, teoricamente, do estudo geomorfológico prévio de uma determinada microrregião que seja adequada para se iniciar a pesquisa arqueológica, e, em seguida, realizam-se prospecções extensivas nessa área escolhida. Não poucas vezes o achado é casual ou a notícia chegou através de um leigo que se interessava pela arqueologia da sua região, o que obriga a procura de maiores informações para o posterior estabelecimento da área arqueológica (MARTIN, 1999: 89).

O recorte espacial adotado neste trabalho está baseado na divisão geográfica oficial, estabelecida pelo IBGE, que coloca o estado da Paraíba dividido em quatro grandes mesoregiões, denominadas Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão, e elas, por sua vez, se mostram distribuídas em vinte e uma microrregiões (COSTA, 2003: 53). Dentre estas microrregiões se encontra o Cariri paraibano, considerado uma das áreas mais secas do Brasil, localizado na Mesorregião da Borborema, no trópico semi-árido do Estado da Paraíba.

A região dos Cariris recebeu esta denominação devido aos índios da nação Cariri que viviam naquela área desde o século XVII. As informações sobre essas populações indígenas foram obtidas através de relatos de cronistas e missionários religiosos⁵. Cariri é um termo de origem tupi, com variação do Kiri'ri, que significa “silencioso”, “deserto”, “ermo” ou pode significar, também, “caatinga pouco áspera” (COSTA, 2003: 55). Os Cariris foram ocupando aquela área a partir da bacia do rio Paraíba e de seus afluentes. As práticas agrícolas desses povos já demonstravam um impacto na fauna e flora locais, pois as queimadas eram comuns no cultivo da roça de mandioca e/ou milho.

A prática de uma agricultura “predatória” que, embora significativa por se apresentar como uma forma de sobrevivência destes povos demonstra, também, ser um fato marcante enquanto formação cultural. Esta prática agrícola se mostra de forma mais compreensiva e contundente através de Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, que descreve:

Entalhadas as árvores pelos cortantes djis de diorito; encoivarados, depois de secos, os ramos, alastravam-lhes por cima, crepitando, as caiçaras, em bulcão de fumo, tangidas pelos ventos. Inscreviam depois, nas cercas de troncos combustos das caiçaras, a área em cinzas onde fora a mata exuberante. Cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, de todo exaurida aquela mancha de terra, fosse imprestável, abandonada em caapuera – mato extinto – como a denuncia a etimologia tupi, fazendo dali por diante irremediavelmente estéril porque, por uma circunstância digna de nota, as famílias vegetais que surgiam subsecutivamente no terreno calcinado eram sempre de tipos arbustivos enfezados, de todo distinto dos da selva primitiva (Cunha, 2000: 62-63).

Essa região possui solos pouco rasos, com aproximadamente cinquenta centímetros de profundidade, demonstrando, logo em seguida, rochas cristalinas, impermeáveis, sendo

⁵ Essas informações referem-se a cronistas como Ambrósio Fernandes Brandão em *Diálogos das grandezas do Brasil* e Frei Vicente de Salvador, em *História do Brasil, 1500-1627*.

cobertas pela vegetação nativa. O rigor climático nela presente proporciona uma vegetação típica, classificada como caatinga hiperxerófila, distribuída em solo de baixa profundidade e bastante pedregoso. Essa tipologia de vegetação foi classificada pelo IBGE (1992) como Savana-Estépica Arborizada. O semi-árido paraibano não se mostra de forma uniforme, pois existem certas diferenciações entre as sub-regiões que apresentam a mesma classificação climática, mas aspectos pluviométricos, geológicos, de temperaturas, vegetação e solos, distintos. Embora haja, na atualidade, toda uma preocupação com o meio ambiente de um modo geral, são precários, como mostra o trabalho de Azevedo Netto; Duarte e Machado (2005), os que procuram tratar da inserção ambiental dos sítios arqueológicos encontrados no Município de São João do Cariri.

Na apresentação da geografia e do meio ambiente local do semi-árido paraibano não se pode deixar de destacar a importância das serras na sua geomorfologia, pois, com a formação do Planalto da Borborema se originam as principais nascentes dos rios que cortam a Paraíba. Na encosta oriental, na serra dos Cariris Velhos, encontra-se a nascente do rio Paraíba, com seu principal afluente, o rio Taperoá, originado na serra de Teixeira. A estabilidade do ambiente, em muitos casos, pode ser determinada pela vegetação que recobre o solo, evitando processos erosivos susceptíveis em áreas não recobertas. A dinâmica se faz presente no ambiente e sempre ocorrem modificações, o que a caracteriza, em função de condições bioclimáticas, em uma região subdesértica.

Percebe-se que, com o povoamento intenso da região semi-árida, as condições de vida na região do Cariri foram, aos poucos, sendo agravadas e, nos dias atuais, a desertificação desta área é um problema que muito afeta o ecossistema do local. Os danos causados ao meio demonstram um sério risco à preservação e conservação dos sítios arqueológicos, especialmente aqueles que contêm arte rupestre. Isso porque:

Os problemas de desertificação e de alteração da paisagem da região exigem a participação das autoridades competentes para regular as ações predatórias do ambiente. A necessidade de se compartilhar a produtividade com a preservação ambiental é prioritária ao se implantar um programa de preservação do Patrimônio (PESSIS, MARTIN, 2002: 204).

Essa região é detentora de uma série de sítios arqueológicos que apresentam indícios culturais, associados tradicionalmente às grandes unidades de classificação de arte rupestre do nordeste. No caso do Estado da Paraíba, estas unidades são a Tradição Agreste, Estilo Cariris Velhos e elementos da tradição Nordeste, ainda em fase de delimitação, para as pinturas. No caso das gravações, sua filiação está associada à Tradição Itaquatira. Essas classificações

têm se mostrado com certa fragilidade, já que passam a contar com atributos classificatórios e elementos gerais de sinalação, que podem ser encontrados em todas as partes do mundo, e em si não apresentariam nenhuma peculiaridade que justificasse sua categorização. Para a Tradição Agreste, segundo Martín (1999: 276), ela é encontrada em todo o Nordeste, desde a região agreste até à região semi-árida, onde:

são conjuntos formados por abrigos com pinturas rupestres, permanente ou temporariamente ocupados como acampamento ou habitação, com um cemitério nas proximidades, e sempre perto de fonte de água, tais como caldeirões, olhos d'água ou pequenos riachos, ou seja, sítios com pinturas, cemitério e água, em pé de serra, que são os elementos que caracterizam basicamente os sítios arqueológicos da sub-tradição Cariris Velhos na Paraíba e em Pernambuco (1999: 281).

Nesta tradição, o tipo de pigmento utilizado é o vermelho, nas diversas tonalidades, e com diferentes densidades e elaboração estética dos grafismos, dependendo da área geográfica. Segundo Martín (2003: 13), “a tradição Agreste se transformou em um recurso ambíguo e excludente”, tornando a classificação desta, por negação. O que não seria tradição Nordeste seria tradição Agreste, o que acarreta problemas sérios de classificação e comparação dos dados, porque coloca uma grande quantidade de informações para a explicação de apenas uma tradição.

No caso da tradição Itaquiara sua classificação ainda é mais ambígua, já que admite uma diversidade, muitas vezes incompatível, de motivos, técnicas e distribuições. Ao longo de todo o território brasileiro é observável a existência de gravuras indígenas localizadas nas rochas ao longo de cursos d'água. De todas as manifestações rupestres da fase pré-histórica essas são as que mais tem prestado a interpretações diversas. São as que “formam a tradição ou as tradições mais enigmáticas de toda arte rupestre do Brasil” (MARTIN, 1999: 298), embora não se tenha nenhuma discussão mais formalizada da constituição desta unidade. Assim, considera-se difícil incluí-la em correlação a grupos pré-históricos específicos.

A importância do patrimônio arqueológico na construção da memória de um determinado local se faz necessária pois, através dela, procuramos entender a história local, fazer parte dela, valorizando o passado como instrumento de compreensão do mundo em que se vive. A construção das identidades locais demonstra a importância de sabermos a nossa origem e como a nossa cultura se desenrolou durante o passar dos anos. Desta forma, a história e a arqueologia são colocadas, aqui, como forma de uma dar suporte à outra, na compreensão destas populações pretéritas e na formação dessas identidades locais.

Referências

- ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos Cariris Velhos**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1979.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Memória e Identidade: a representação através da cultura material. In: **Caderno de Estudos e Pesquisas**, São Gonçalo, n19, 2003 p 13 – 24.
- _____. **A Arte Rupestre da Bacia do Taperoá: A ordenação e representação de seus dados**. Projeto de pesquisa, João Pessoa, UFPB. 2004.
- _____. Memória, Identidade e Cultura Material: a visão arqueológica. In: **Revista Vivência**, Natal/UFRN, nº28, 2005 p 265 – 276.
- _____. A natureza da informação da Arte Rupestre: a proximidade de dois campos. In: **Informare - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO – IBICT/DEP, v.4, n.2, Jul/Dez, 1988, p. 55-62.
- AZEVEDO NETTO, C. X; KRAISCH, A. P. O; DUARTE, P. A inserção ambiental dos Sítios Arqueológicos do Município de São João do Cariri. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina. ANPHU Nacional, 2005(cd-rom).
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das Grandezas do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1977.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 6ª edição, Petrópolis, Vozes, 1994.
- COSTA, José Jonas Duarte da. **Impactos Socioambientais das Políticas de Combate à Seca na Paraíba**. Tese de Doutorado em História Econômica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História: São Paulo, 2003.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 21ªed., Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1950.
- DANTAS, Beatriz G; SAMPAIO, José Augusto L; CARVALHO, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 431 – 456.
- DIEHL, Astor A. **Cultura Historiográfica – Memória, identidade e representação**, Bauru, Editora Universidade do Sagrado Coração, 2002.
- GASPAR, Madu. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. In: **Saeculum**, João Pessoa, Jan./dez./1998/1999. p. 13 –39.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, 5ª edição, Campinas, Editora UNICAMP, 2003.
- LIMA-E-SILVA, Pedro Paulo de. **Dicionário de Ciências Ambientais**, Rio de Janeiro: Thex Editora, 2002.
- MARTIN, Gabriela, **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 2ªed. Recife: Universitária/UFPE, 1997.
- MACHADO, Maximiano Lopes. **História da Província da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977.
- MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 2ªed. Rio de Janeiro: INL, 1950
- MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Entre Guerras, Currais e Missões: Povos Indígenas da antiga Capitania da Paraíba. In: XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais Eletrônicos**. João Pessoa: UFPB, 2003. Disponível em < www.guiajp.com.br. Acesso em 2 fev. 2005.
- _____. Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial: Descobrimientos, Alianças, Resistências e Encobrimento. In: **Revista Fundamentos II**, São Raimundo Nonato/Piauí, Fundação Museu do Homem Americano, 2002, p.07 - 52.
- MITHEN, Steven. **A Pré-História da mente** – uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Editora Edusp, 2002.
- PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. A área arqueológica de Seridó, RN. Brasil: Problemas de conservação do Patrimônio Cultural. In: **Fundamentos II**, São Raimundo Nonato, Fundação do Homem Americano, 2002, p. 187 – 208.
- PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- SÃO JOÃO DO CARIRI. In: **Enciclopédia dos Municípios Paraibanos**. João Pessoa: [SN], 1976.
- SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena**. São Paulo: Fapesp, 2003.
- WATANABE, Takako et all. **Relatório do Projeto Bacia do Taperoá, Paraíba, Brasil**. João Pessoa, PRODEMA/UFPB, 2002.